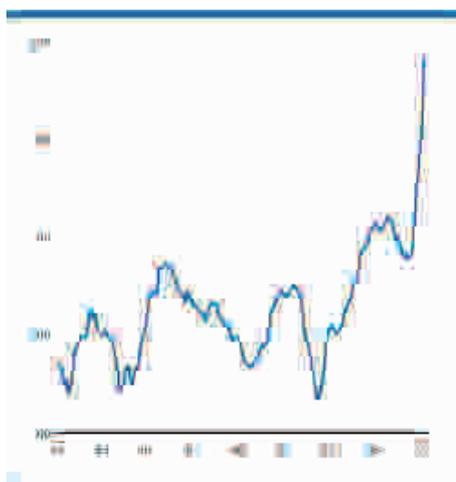


# Preços do leite e derivados: uma análise dos últimos doze meses

Glauco Rodrigues Carvalho

A inflação de junho de 2007, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), foi de 0,28%. O grupo composto por leite e derivados se destacou com a maior alta de 7,35% ou 26 vezes superior a inflação, sendo considerado o vilão do mês. No acumulado do ano, enquanto a inflação acumulou alta de 2,08% até junho, os lácteos subiram 15,4%.

No mercado internacional de lácteos os preços seguem em alta, sem perspectivas de queda de preços, por motivos conjunturais e estruturais. Conforme relatório da Food and Agriculture Organization (FAO) divulgado em julho de 2007, o índice de preços internacionais de lácteos aumentou 46% entre novembro de 2006 e abril de 2007 (Fig. 1). Os preços do leite em pó apresentaram valorização ainda maior, de 56% e 61% para o desnatado e integral, respectivamente. Os aumentos de preços da manteiga e do queijo foram mais modestos e ficaram em 34% e 18%, respectivamente.



**Fig. 1.** Índice mensal de preços internacionais de produtos lácteos (1998-2000 = 100).

Fonte: FAO.

A essência dos aumentos de preços refere-se ao fato da oferta não ter acompanhado a demanda mundial. O incremento robusto de renda na Rússia e outros países em desenvolvimento, especialmente na Ásia, e nos exportadores de petróleo da África, América Latina e Caribe continua sendo o motor do crescimento da demanda.

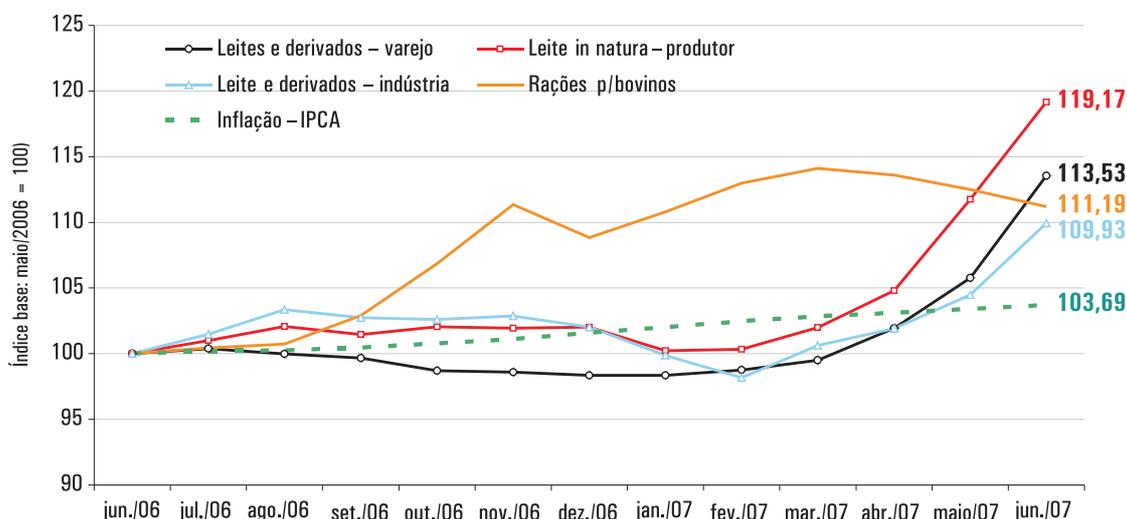
Pelo lado da oferta, as secas recorrentes na Austrália, a imposição de tarifas na exportação da Argentina e a suspensão por seis meses da exportação de leite em pó na Índia enxugou o mercado mundial de leite. O aumento recente nos preços dos grãos, usado na ração, também tem prejudicado a rentabilidade dos produtores mais intensivos. Finalmente, a queda dos estoques públicos na União Européia (UE) e os cortes de subsídios praticados nas exportações da UE, tanto em termos de valor quanto de quantidade completam a restrição de oferta.

No mercado brasileiro, a elevação de preços de insumos, o crescimento do consumo, motivado por uma melhoria da renda das famílias e o baixo incremento do volume de captação no início do ano, são variáveis que ajudam a explicar a alta.

Nos últimos 12 meses até junho de 2007 verificou-se que o preço do leite ao produtor subiu 19,17% enquanto a ração, que representa parcela importante dos custos de produção de leite, apresentou valorização de 11,19%. No mercado atacadista, os preços de leite e derivados em conjunto, tiveram alta de 9,93%. Já no varejo, a elevação foi de 13,53% enquanto o custo de vida das famílias, medido pelo IPCA, ficou em 3,69% (Fig. 2).



Glauco Rodrigues Carvalho



**Fig. 2.** Índice de preços para leite e derivados, ração para bovinos e inflação: junho de 2006 a junho de 2007 (base: junho de 2006 = 100).

Fonte: IBGE, FGV. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

Do ponto de vista do produtor, o incremento dos preços da ração a partir de setembro de 2006, na esteira da decisão do Governo americano de estimular a produção de etanol via milho, foi atenuado pela boa safra brasileira de grãos. Isso inclusive tem refletido na desaceleração dos preços da ração. Já no caso da indústria de laticínios, os preços de leite e derivados registraram valorização bem inferior em comparação com o preço pago ao produtor. Por fim, o varejo tem repassado para o consumidor final toda a alta de preços ocorrida no atacado, possibilitando inclusive alguma recuperação de margem bruta de comercialização.

Portanto, nos últimos 12 meses até junho a indústria foi o elo da cadeia produtiva com maior dificuldade de repasse de preços, seja pelo poder de barganha dos varejistas ou pela competição setorial. Além disso, teve seus custos majorados pela dificuldade de abastecimento de matéria-prima, ou seja, o leite "in natura".

Especificamente no caso da indústria de laticínios e de forma desagregada, verifica-se que nos últimos 12 meses o leite em pó foi o produto a apresentar maior valorização, de 18,05%, mas ainda assim ficou aquém dos preços pagos ao produtor (Tabela 1). Por outro lado, o creme de leite registrou deflação de 3,0%. A valorização dos queijos, manteiga, coalhadas e iogurtes também foi muito pequena, indicando queda na relação de troca com o leite ao produtor.

# Preços do leite e derivados: uma análise dos últimos doze meses

Glauco Rodrigues Carvalho

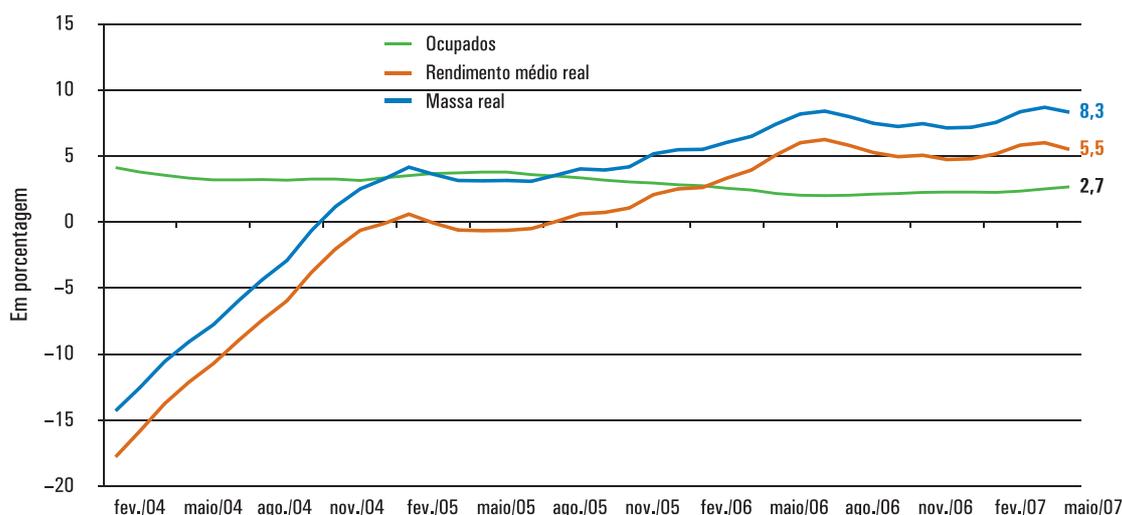
**Tabela 1.** Evolução do preço do leite ao produtor e preços de leite e derivados selecionados no atacado – janeiro de 2000 a maio de 2007.

Produtos	Variação de junho/2006 a junho/2007 (em %)	Variação em relação ao preço ao produtor (em %)
Leite in natura (ao produtor)	19,17	0,00
Leite e derivados (indústria)	9,93	-9,24
Leite em pó	18,05	-1,12
Leite pasteurizado	12,44	-6,74
Queijos	4,73	-14,44
Manteiga	3,41	-15,76
Coalhadas e iogurtes	2,29	-16,88
Creme de leite	-3,07	-22,24

Fonte: FGV. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

Os atuais repasses de preços ao consumidor estão sendo suportados pelo crescimento da renda das famílias. O rendimento real médio no acumulado em 12 meses até maio em relação a 12 meses anteriores encontra-se crescendo 5,5%, apesar do fraco desempenho do mercado de trabalho (Fig. 3).

A massa real de salário, que corresponde ao produto do rendimento real médio e do total de ocupados, cresceu cerca de 8,3% no mesmo período, o que vem beneficiando o consumo de lácteos e pode contribuir para alguma recuperação de margem da indústria. Todavia, essa recuperação deverá ser atenuada pela competição existente entre as empresas, pelo forte poder de barganha dos varejistas e pela inelasticidade da oferta de leite como matéria-prima no curto prazo.

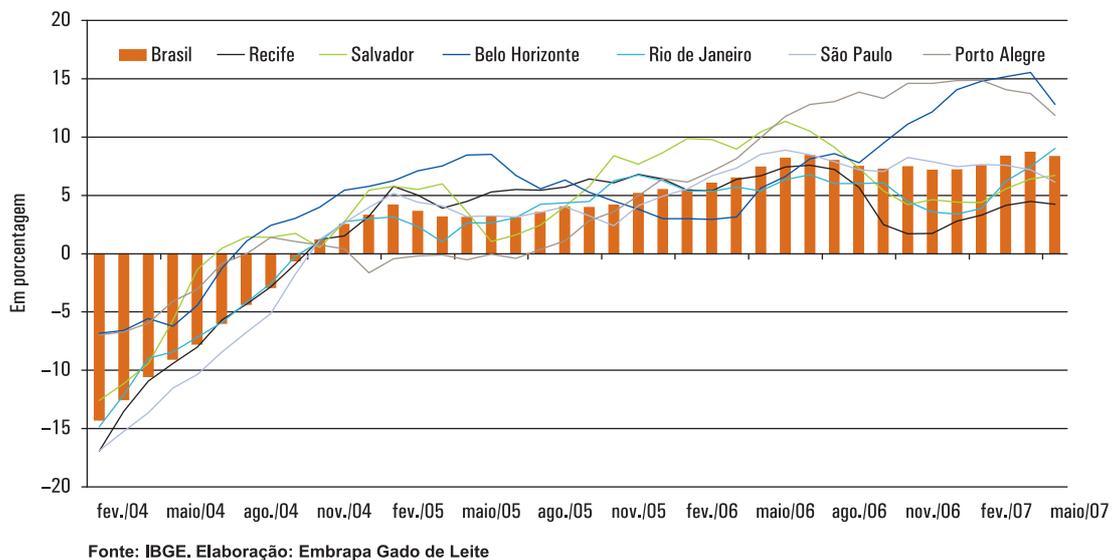


**Fig. 3.** Total de ocupados, rendimento real médio e massa real de salários: crescimento acumulado em 12 meses em relação a 12 meses imediatamente anteriores (em %).

Fonte: IBGE. Elaboração: Embrapa Gado de Leite.

## Preços do leite e derivados: uma análise dos últimos doze meses

Em termos das regiões metropolitanas pesquisadas pelo IBGE, a massa real de salário vem apresentando incremento superior à média brasileira em Belo Horizonte, Porto Alegre e Rio de Janeiro, apesar de uma pequena desaceleração nos últimos meses nas duas primeiras regiões (Fig. 4). Verificam-se ainda, estabilidade em Recife, pequeno incremento em Salvador e queda em São Paulo. Essas três regiões, no entanto, apresentaram desempenho aquém da média nacional.



**Fig. 4.** Massa real de salários: crescimento acumulado em doze meses em relação a doze meses imediatamente anteriores (em %).